



NOVOS CAMINHOS PARA O ENSINO DO WEBJORNALISMO AUDIOVISUAL NA ERA PÓS-MODERNA

Thaís Sallum Bacco¹
UNOESTE – Universidade do Oeste Paulista
thaís@unoeste.br

Resumo

Este artigo tem como objetivo apontar novos caminhos para o ensino do *webjornalismo* audiovisual na era da pós-modernidade. Para tanto, traça um panorama histórico e conceitual do uso das Tecnologias de Informação e Comunicação como prática pedagógica a partir de uma pesquisa bibliográfica. Além disso, é realizada uma pesquisa-ação nas atividades desenvolvidas pela *TV Facopp Online*, a primeira emissora televisiva universitária do Oeste do Estado de São Paulo, que está no ar desde maio de 2008. A metodologia empregada revelou que a utilização das TIC contribuiu para uma aprendizagem significativa.

Palavras-chave: telejornalismo online; ensino do jornalismo; TIC e ensino superior; pós-modernidade.

Abstract

This article has as main objective to point out new ways for teaching audio-visual web journalism in the post modernity time. Therefore, it provides an overview of the historical and conceptual use of Information Technologies and Communication as pedagogical practice from a bibliography search. Moreover, it is done an action research in the activities that are developed by Facopp TV Online, the first university television station in the West of São Paulo, which is working since May 2008. The methodology that was used concluded that the use of the IT contributed on a significant learning process.

Keywords: audio-visual web journalism, journalism education, IT and high school; Facopp TV Online.

¹ Jornalista formada pela Universidade Estadual de Londrina (UEL), especialista em Educação pela Unesp de Presidente Prudente, mestranda em Comunicação pela UEL e professora na área de Telejornalismo na Universidade do Oeste Paulista (Unoeste/Presidente Prudente). Atualmente, coordena o projeto de pesquisa *TV Facopp Online: uma experiência de ensino, pesquisa e extensão*, vinculado ao Grupo de Estudos e Pesquisas em Comunicação (Gepec) da Unoeste.

1 Introdução

O início do século XXI está marcado pela presença das novas tecnologias de informação e comunicação (TIC) no cotidiano das pessoas. No entanto, as escolas – do ensino infantil ao superior – ainda têm dificuldades quanto ao uso das TIC enquanto ferramenta de ensino e aprendizagem.

Neste contexto, se situam as mídias, que despejam cada vez mais informação, e diante dos incessantes avanços tecnológicos, em intervalos de tempo cada vez menores. Os conteúdos são produzidos e recebidos por sujeitos que vivem na era da pós-modernidade.

A questão que se levanta é como deve ser a formação de um jornalista pós-moderno para sua atuação no âmbito do ciberespaço? Como as TIC podem facilitar a práxis jornalística online ainda no espaço acadêmico?

Partindo do pressuposto que os recursos tecnológicos só facilitarão o aprendizado se forem corretamente utilizados – não apenas como fim, mas como meio –, e que o professor é peça-chave para mediar esse processo de “aprender a aprender” (VALENTE, 1999), realizou-se uma pesquisa-ação na primeira emissora televisiva universitária online do Oeste do Estado

de São Paulo, a *TV Facopp Online*, mantida pela Universidade do Oeste Paulista (Unoeste). Durante o primeiro ano de funcionamento, verificou-se que o uso das TIC estimulou a cooperação entre a equipe, um importante caminho para a aprendizagem significativa, conforme defendem Belloni e Gomes (2008).

Considera-se ainda que a análise da prática pedagógica envolvendo estagiários e professores que fazem parte da emissora virtual deu-se a partir do conceito de Educação Tecnológica proposto por Grinspun (1999).

2 Fundamentação teórica

2.1 Pós-modernismo

A pós-modernidade caracteriza as sociedades pós-industriais baseadas na informação, que não privilegiam mais bens materiais, e sim os serviços, como as mensagens entre as pessoas. As novas tecnologias possibilitam que tais serviços sejam realizados de forma eficiente e rápida.

O meio midiático é, na maioria das vezes, o ambiente onde se dão esses inúmeros processos e transformações de ordem cultural, social e cognitiva. Ideológicas, as mídias, não são meros suportes para transmissão de informações, mas extensões cada vez

mais necessárias ao homem pós-moderno, que se pauta nessa existência para vivenciar a hiper-realidade.

As idéias sobre o impacto da tecnologia sobre a sociedade partem do olhar de Marshall McLuhan (1974, p.21) que, muito antes do advento da internet, defendia a importância de se conhecer os meios. “[...] o meio é a mensagem. Isto apenas significa que as conseqüências sociais e pessoais de qualquer meio – ou seja, de qualquer uma das extensões de nós mesmos – constituem o resultado do novo estalão introduzido em nossas vidas por uma nova tecnologia ou extensão de nós mesmos.”

Para McLuhan, os meios são extensões do homem e a sociedade alimenta a necessidade de expansão do corpo. Uma necessidade atendida hoje pelas mídias eletrônicas, que podem nos levar ao abraço global. Ou seja, os meios, situados no ciberespaço, agora são também ambientes de vida. Por meio da internet, as pessoas podem executar seus vínculos afetivos, lúdicos e profissionais.

Outra dimensão importante a ser considerada na sociedade pós-moderna é a valorização da imagem, que cerca o ser humano de tal maneira que já não há mais caminhos para fugir

dela. A dependência dos meios de comunicação de massa, que hospedam os mais diferentes elementos visuais, é tamanha que também já não é mais possível projetar olhares não midiáticos sobre o mundo.

Levando em conta que o homem sempre quis ver aquilo que não pode ver, especialmente aquilo que não pode estar *diante de*, a cultura de massa deslocou o espetáculo da esfera do mito e da religião para parte integrante da vida do indivíduo. Com o cinema, a TV e a internet, o espectador não precisa mais vivenciar o espetáculo presencialmente. Vivencia-se o espetáculo por meio do olhar.

Para Debord (1997), a proliferação das imagens resulta na sociedade do espetáculo. O espetáculo é um meio de vida, relação social entre as pessoas mediada por imagens. A constituição do espetáculo se dá quando há a apropriação das situações imagéticas para se inserir na sociedade. “[...] a realidade surge no espetáculo, e o espetáculo é real. Essa alienação recíproca é a essência e a base da sociedade existente.” (DEBORD, 1997, p.15)

Analisando Debord, Juremir Machado da Silva (2007) em “Depois do Espetáculo” reforça o valor da visibilidade na sociedade atual. O homem precisa cada vez mais ser para

os outros, de preferência dentro de um suporte midiático. Trata-se do hiperespetáculo, uma época em que a moral é substituída pela aparição. O controle agora é difuso, exercido por todos. Não temos mais o “Grande Irmão”, de Orwell².

[...] somos cadastrados de tantas maneiras que, se unirmos todas essas informações, elas revelariam mais sobre nossos atos do que somos capazes de assimilar, mostrando-nos o quanto controlada pode estar a nova sociedade, que, em minutos, pode encontrar e identificar qualquer um de nós, invadindo a privacidade dos indivíduos, controlando dados pessoais, hábitos, e fazendo com que, cada vez mais, o espaço público seja sinônimo de vigilância e investigação. (CARNEIRO, 2002, p.33)

Quanto maior a busca por visibilidade, mais imagens e assim maior a necessidade de se tornar visível. A corrida da visibilidade, o excesso de visibilidade nos leva à invisibilidade. “O hiperespetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma imagem única, sob a aparência da diversidade, que não permite reflexão.

² O “Grande Irmão” é personagem do livro 1984, do escritor indiano George Orwell, pseudônimo de Eric Arthur Blair (ORWELL, 1980). A obra foi escrita em 1948 e retrata a sociedade futura, controlada pelo Estado na figura abstrata de “Grande Irmão”, que pode ser visto e ver a todos em diferentes situações.

Imagem irrefletida. Nem utopia nem distopia. Pode-se mudar de canal, mas não de programa. Pode-se mudar de rede, mas não de sentido.” (SILVA, 2007, p.2). Portanto, caminha-se para o fim o espetáculo, porque tudo é espetáculo.

O pós-modernismo se apóia no simulacro. O conceito de simulacro e hiper-realidade podem se encaixar na nova configuração midiática da década de 1990. O sociólogo francês Jean Baudrillard, em “Simulacros e Simulações” descreve a relação entre imagem e realidade. O autor propõe a idéia de sucessão de imagens. Primeiro a imagem tem a intenção de representar o objeto. Depois, a imagem mascara e deforma a realidade profunda, porque a imagem não pode ser espelho translúcido que reflete objetivamente a realidade.

Na terceira fase, Baudrillard diz que a realidade profunda nunca existiu, portanto, a imagem faz-nos acreditar que existia. Por fim, a última fase da imagem é quando ela não tem qualquer relação com a realidade, é o simulacro puro. Simulacro é mais que a realidade mediada, é a transformação da realidade no presente. E daí surge o conceito de hiper-realidade: conjunto de simulacros tomando lugar do real.

(BAUDRILLARD, 1991)

Ainda de acordo com Baudrillard, o momento vivido é o da “Democracia Radical”, loucura diária para se tornar visível, o que leva à diluição geral do espetáculo, já que todos são visíveis. Visíveis e também com a possibilidade de produzir conteúdo. Nada é exigido para estar e divulgar suas produções na internet. Basta postar. Relevante destacar a mudança de estética nos meios, que na atualidade, abre espaço para o amador.

Essas características da pós-modernidade refletem diretamente nos indivíduos inseridos nesse contexto. Santos (1987, p.30) define o homem pós-moderno como um ser neo-individualista, consumista, hedonista (que cultua a moral do prazer, não dos valores) e narcisista: “[...] o sujeito vive sem projetos, sem ideais, a não ser cultivar sua auto-imagem e buscar a satisfação aqui e agora. Narcisista e vazio, desvolto e apático, ele está no centro da crise de valores pós-moderna.”

A crise de valores se alastra e se reflete na práxis jornalística. Isso porque o jornalista – responsável pelo processo de produção da notícia – e o receptor – de qualquer um dos discursos midiáticos – estão inseridos na pós-modernidade.

2.2 Computador na escola

As primeiras experiências do uso do computador na educação são da década de 1950 (VALENTE, 1999). Nos anos 60, as máquinas já ajudavam em cálculos e atividades de ensino em universidades norte-americanas.

Com a disseminação dos microcomputadores no início dos anos oitenta, as escolas passaram a utilizar estas tecnologias e, com isto, houve uma diversificação de modalidades de uso pedagógico. Surgiram os jogos, as linguagens de programação e outros *softwares* para desenvolvimento de tarefas específicas como os processadores de texto, as planilhas, os bancos de dados, etc. Esta diversificação tem continuado e, a cada avanço da tecnologia da informação e comunicação, outras possibilidades surgem, como é o caso mais recente do uso da Internet na Educação. (VALENTE, 2002, p.16)

Já a história da informática na educação brasileira começa nos anos 70. Desde então, pesquisadores do ensino superior estão envolvidos com essa questão.³

³ Em 1984, o MEC implantou o projeto *Educom* em cinco universidades públicas brasileiras para que desenvolvessem pesquisas sobre o uso do computador no ensino e na aprendizagem, cursos para a formação de professores e criassem *softwares* educativos. Depois, vieram outros projetos do governo (*Formar*, 1987; *Proninfe*, Programa Nacional de Informática

Com base na construção de conhecimento por meio do computador proposta por Seymour Papert, em 1985, Valente (1993, 1999) expõe as duas abordagens educativas para caracterizar o ensino: o *instrucionismo* e o *construcionismo*. No modelo instrucionista, a escola é informatizada, e o computador funciona como uma máquina de ensinar. O aprendiz, neste caso, não é motivado a criar e a pensar. De acordo com Valente (1993, p.6):

[...] é muito comum encontrarmos essa abordagem sendo usada como uma abordagem construtivista, ou seja, para propiciar a construção do conhecimento na “cabeça” do aluno. Como se os conhecimentos fossem tijolos que devem ser justapostos e sobrepostos na construção de uma parede. Nesse caso, o computador tem a finalidade de facilitar a construção dessa “parede”, fornecendo “tijolos” do tamanho mais adequado, em pequenas doses e de acordo com a capacidade individual de cada aluno.

Educativa, 1989; *Proinfo*, Programa Nacional de Informática na Educação, 1997; *TV Escola*, 1996; *Rádio Escola*, DVD *Escola* e *RIVED*, Rede Internacional Virtual de Educação, 2003; *Mídias na Educação*, 2005; *Projeto UCA*, Um Computador por Aluno, 2007) e algumas iniciativas foram implantadas (*CIEd*, Centros de Informática Educativa; *SEED*, Secretaria de Educação a Distância, 1996; *NTE*, Núcleos de Tecnologia Educativa, 1997). (ALMEIDA, 2008)

Já no construcionismo, as interações do aprendiz com a máquina são para desenvolver projetos ou resolver situações-problema a partir de seu conhecimento, originado do diálogo com os pares, professores e com o meio.

Para tanto, o professor deverá conhecer os seus alunos, incentivando a reflexão e a crítica e permitindo que eles passem a identificar os próprios problemas na sua formação, buscando soluções para o mesmo. Caberá ao professor saber desempenhar um papel de desafiador, mantendo vivo o interesse do aluno, e incentivando relações sociais, de modo que os alunos possam aprender uns com os outros e saber como trabalhar em grupo. (VALENTE, 1999, p.43)

Ou seja, o computador é compreendido como uma ferramenta para expressar o raciocínio, a reflexão e a depuração das ideias. O discente reflete sobre suas ações, diante do resultado que a máquina lhe apresentou, favorecendo “o processo de construção do conhecimento” (VALENTE, 2002, p.19). Competências que lhe serão cobradas posteriormente no decorrer de sua vida, principalmente no contexto da pós-modernidade.

O profissional da sociedade “enxuta” deverá ser um indivíduo crítico, criativo, com capacidade de pensar, de

aprender a aprender, de trabalhar em grupo, de utilizar os meios automáticos de produção e disseminação da informação e de conhecer o seu potencial cognitivo, afetivo e social. Certamente, essa nova atitude é fruto de um processo educacional, cujo objetivo é a criação de ambientes de aprendizagem em que o aprendiz vivencia essas competências. Elas não são passíveis de serem transmitidas, mas, devem ser construídas e desenvolvidas por cada indivíduo. (VALENTE, 1999, p.34-35)

Diante dessas mudanças, o papel e a função social do professor precisam ser revistos. O docente deixa de ser um “entregador de informações”, para se transformar em facilitador do processo de aprendizagem. (VALENTE, 1999, p.17-18). Idéia compartilhada por Rosado (1998, p.229):

[...] a presença de novas tecnologias de ensino na sala de aula coloca o professor diante de um processo de reflexão, de redimensionamento em termos de sua função e papel sociais, e que muitas vezes, esse profissional se acha sozinho com essas complexas e sofridas reflexões, freqüentemente apontado como o divisor de águas limitador na implementação de um ensino de melhor qualidade, criticado com aspereza por vezes por pesquisadores e estudiosos de educação e de comunicação, mas sem que esses mesmos acadêmicos ofereçam alternativas, pistas que

orientem e sustentem formas de operacionalização, de construção desse novo papel de professor que integre e utilize de maneira otimizada os recursos tecnológicos disponíveis.

A abordagem construcionista proposta por Valente (1999) pressupõe o preparo intelectual e psicológico do professor, mas também mudanças efetivas na escola.

A escola deve ser capaz de atender às demandas e necessidades dos alunos. O professor e os alunos devem ter autonomia e responsabilidade para decidir o como e o que deve ser tratado nas aulas. O aluno deve ser crítico, saber utilizar a constante reflexão e depuração, para atingir níveis cada vez mais sofisticados de ações e idéias e ser capaz de trabalhar em equipe e desenvolver, ao longo da sua formação, uma rede de pessoas e especialistas que o auxiliem no tratamento dos problemas complexos. (VALENTE, 1999, p.38)

Neste sentido, o conteúdo não pode ser fragmentado ou descontextualizado. Toda e qualquer atividade deve se pautar no *como usar*, *quanto usar*, *por que usar* e *para que usar* as TIC no ambiente escolar, como alerta Belloni (2001, p.24):

Se é fundamental reconhecer a importância das TIC e a urgência de criar conhecimentos e mecanismos

que possibilitem sua integração à educação, é também preciso evitar o “deslumbramento” que tende a levar ao uso mais ou menos indiscriminado da tecnologia por si e em si, ou seja, mais por suas virtualidades técnicas do que por suas virtudes pedagógicas. É importante lembrar que este “deslumbramento” frente às incríveis potencialidades das TIC está longe de ser uma ilusão ou um exagero “apocalíptico”, mas, ao contrário, constitui um discurso ideológico bem coerente com os interesses da indústria do setor.

Questões resolvidas, novos desafios para o professor, enquanto facilitador: compreender as idéias do aluno a partir daquilo que ficou registrado no programa do computador, intervindo quando necessário. Trata-se da construção do conhecimento seguindo o movimento de uma espiral, uma circular sem fim, mas que nunca se fecha, sempre se abre para novos saberes a partir das reflexões realizadas sobre o que é produzido. (VALENTE, 2002). No entanto, a espiral do conhecimento permanece sólida apenas na teoria, de acordo com as mais recentes pesquisas sobre a utilização do computador nas escolas brasileiras. Na prática, o uso das TIC melhorou a “aparência” do ambiente escolar, mas não a eficácia do processo de ensino-aprendizagem. O

professor ainda tem dificuldade de criar condições para o aluno construir o conhecimento e, por enquanto, a maioria, apenas transferiu o modo de transmissão de informações: da lousa para a tela.

2.3 Educação tecnológica e novas competências aos discentes

Basta um olhar atento para a realidade e o paradoxo está presente em todos ambientes escolares, da educação infantil ao ensino superior: alunos pós-modernos postos diante dos computadores para aprender sob a supervisão de professores tentando transferir conhecimento por meio da máquina ou com o auxílio dela. Que resultados são alcançados mediante essa imposição? Nessas situações o computador vai servir como instrumento que contribui para a eficácia do ensino-aprendizagem?

Para Grinspun (1999), a relação entre educação e tecnologia precisa ser revista com o objetivo de formar cidadãos críticos, conscientes, capazes de usar a tecnologia e refletir sobre tal prática, com o compromisso social de transformar a realidade.

Ainda de acordo com a autora, a Declaração Mundial sobre Educação Superior da Unesco, de 1998, pressupõe uma reflexão sobre como as

tecnologias auxiliam no processo de produção, difusão e controle do conhecimento.

Há um caráter educacional na tecnologia, assim como um caráter social. Trabalhar esses dois pólos é o compromisso de uma educação de qualidade que tem na tecnologia a base tanto de um saber-fazer, como de um fazer-saber-para quê. Tanto a construção do conhecimento para gerar a tecnologia, como a produção e a avaliação da tecnologia são tarefas que necessitam da educação como fundamentação e princípio para o alcance de seus objetivos. (GRINSPUN, 1999, p.55)

Daí a importância de se vivenciar a educação tecnológica.

Em suma, a Educação Tecnológica está baseada na concepção de uma educação transformadora, progressista, que vai além de uma proposta de ensino na escola para aprofundar-se junto com o projeto político pedagógico dessa instituição que, por certo, nos dias atuais deve integrar as diferentes categorias do saber, fazer, ou do saber-fazer para uma grande categoria do saber-ser. Para que alcancemos estas etapas precisamos estar atentos e acreditar numa educação crítica que dê lugar tanto aos fundamentos básicos teóricos como à prática social que ela caracteriza. Educação é esse misto de responsabilidade e de muita esperança na possibilidade de

transformações na sociedade. (GRINSPUN, 1999, p.64)

A responsabilidade social também é uma das premissas do Jornalismo, uma ciência que, na sociedade pós-moderna, está totalmente atrelada aos avanços tecnológicos. Progressos que refletem não só na profissão do jornalista, como em todas as outras áreas, analisa Belloni (2002, p.30):

Os incríveis avanços técnicos em eletrônica, informática e redes vêm criando um novo campo de ação, novos processos sociais, métodos de trabalho, mudanças culturais profundas, novos modos de aprender e de perceber o mundo (e portanto de intervir nele), com repercussões significativas no campo da educação, a exigir transformações radicais nos métodos de ensino e nos sistemas educacionais.

As principais mudanças no campo educacional foram condensadas por Belloni e Gomes (2008) no artigo, "Infância, Mídias e Aprendizagem: autodidaxia e colaboração". As experiências desenvolvidas pelas autoras enfatizaram a aprendizagem por meio de projetos de trabalho a partir das teorias construtivistas, visando favorecer a *cooperação*, a *colaboração*, a *autonomia* e a *autodidaxia*.

A *autodidaxia* consiste na

“apropriação espontânea” do conhecimento, sem a intervenção didática do adulto e/ou professor. Os sujeitos da era tecnológica consideram os computadores instrumentos indispensáveis para o entretenimento e para o aprendizado, o que é muito significativo. Aceitar e fortalecer essa competência é um desafio para a escola atual em todos os níveis, incluindo os cursos superiores.

A *colaboração* “Demanda reciprocidade, o que implica ser capaz de confiar nos outros para apoiar sua própria aprendizagem num ambiente não competitivo” (BELLONI; GOMES, 2008, p.7). Um aspecto a ser trabalhado pela escola, já que os discentes carregam consigo as marcas da era pós-moderna. Individualistas, narcisistas e hedonistas, têm dificuldades de colaborar com o próximo.

Já no âmbito da *cooperação*, que vai além da colaboração, como os objetivos são comuns e as conseqüências das ações atingem a todos, há mais chance de se alcançar resultados satisfatórios. Frutos individuais que serão compartilhados pelo grupo. Assim, o ideal nas situações de cooperação é experimentar as relações de respeito mútuo e não hierárquico, incentivando a tolerância e a boa convivência.

A *autonomia* é um potencial a ser desenvolvido em crianças a partir da fase pré-escolar. Se essa competência não for fortalecida, dentro e fora do ambiente escolar, pode se atrofiar. É o que se verifica na atualidade: sujeitos que detêm o conhecimento, mas não a habilidade de fazer uso dele por si só. Precisam ser provocados para agir, porque não são autônomos, condicionam suas vidas a ordens e vontades alheias, muitas vezes desconsiderando seus próprios princípios morais e éticos.

Os resultados obtidos nas pesquisas desenvolvidas por Belloni e Gomes nos últimos anos demonstram que o uso das TIC em situações favoráveis com interação entre pares e adultos pode desenvolver, nas crianças e jovens, comportamentos colaborativos e autônomos de aprendizagem, benefícios para seu desenvolvimento intelectual e sócio-afetivo. Não seriam esses os objetivos primeiros dos educadores em geral?

2.4 Ensino do *webjornalismo*

audiovisual com o uso das TIC

O ano de 2009 está marcado na história do jornalismo. Duas questões sobre a profissão estão postas para a reflexão: a decisão do Supremo Tribunal Federal pela não

obrigatoriedade do diploma de Jornalismo para o exercício da profissão⁴ e a apresentação ao MEC das Novas Diretrizes Curriculares para o Ensino do Jornalismo. A comissão, presidida pelo professor emérito da USP, José Marques de Melo, foi constituída pelo Ministério da Educação e Cultura em fevereiro de 2009. As diretrizes foram discutidas em três audiências públicas e propostas serão apresentadas ao ministro da Educação, Fernando Haddad, no segundo semestre deste ano.

Reinventar a formação dos jornalistas é a saída para vencer os desafios do ensino do jornalismo no século XXI, de acordo com Melo (2009, p.3), um dos mais renomados pesquisadores da área no país:

Precisamos potencializar os recursos oferecidos pelas novas tecnologias digitais, formando profissionais vocacionados para produzir conteúdos jornalísticos de interesse do conjunto da sociedade, inclusive dos contingentes que permanecem

⁴ Em 17/06/2009, ministros do STF decidiram que é inconstitucional a exigência do diploma de jornalismo e o registro no Ministério do Trabalho para o exercício da profissão. Em 11/11/2009, a Comissão de Constituição e Justiça e de Cidadania (CCJ) da Câmara dos Deputados aprovou a Proposta de Emenda à Constituição 386/09, que restabelece a obrigatoriedade do diploma para o exercício do jornalismo. Por enquanto a proposta ainda não foi votada em Plenário.

excluídos do banquete civilizatório. Isso corresponde a priorizar os modos de expressão jornalística através do som e da imagem, sem evidentemente descuidar do código verbal. [...] Precisamos engendrar estratégias discursivas sintonizados com o repertório das populações desinformadas e aplicar táticas motivadoras de apetite cultural daqueles bolsões marginalizados da sociedade de consumo. Do contrário, nossa Sociedade do Conhecimento será também uma caricatura perpetuando a Sociedade dos Conhecidos (aquela que nos governa secularmente). Para tanto, precisamos tomar como referência também a cultura popular, ao invés de persistir no domínio exclusivo da cultura erudita (MELO, 2009, p.3)

A prática do telejornalismo online⁵ no âmbito acadêmico pode ser considerada uma das vivências desse novo modelo de ensino proposto por Melo (2009). Os produtos audiovisuais

⁵ Jornalismo televisivo na internet é chamado por Brasil (2002, 2007) de *telejornalismo online*, *webtelejornalismo*, segundo Amaral (2004), e *webtelejornalismo audiovisual*, por Nogueira (2005). Este não é o espaço para se discutir a forma de nominar a prática de postar vídeos jornalísticos na internet, ainda que existam categorias diferenciadas. Amaral (2004) e Nogueira (2005) dividem as TVs na internet em categorias similares, mas com denominações diferentes: as que têm homepages para divulgar seus trabalhos, as emissoras que colocam em sites o conteúdo já veiculado na TV convencional (em sinal aberto ou fechado) e as que produzem especificamente para a internet.

jornalísticos vêm ganhando espaço na rede e os estudantes do curso de jornalismo precisam estar preparados para lidar com essa realidade. Uma TV na internet, por exemplo, tem menos custos e o espaço e tempo disponíveis são ilimitados, bem diferente das emissoras comerciais. E o mais importante: na dimensão acadêmica, as TVs universitárias podem exercer o jornalismo público, em que o compromisso se desloca da esfera comercial para a dimensão social, voltado à formação do cidadão crítico, com valorização da prestação de serviços.

O uso das TIC no ensino do jornalismo ocorre por pressão do mercado de trabalho, mas fundamentalmente pela necessidade de preparar os jovens profissionais para lidar com o avanço das tecnologias na era da pós-modernidade. Enquanto ferramentas no processo de ensino e aprendizagem, as TIC podem facilitar o aprendizado para que o discente consiga (sobre)viver na sociedade do conhecimento, como sugere Valente (1999).

Belloni (2001, p.29) vai além, e questiona:

[...] a questão da integração das TIC aos processos

educacionais transcende as questões puramente técnicas para se situar no nível da definição das grandes finalidades sociais da educação. Os fins e os modos desta integração dependem das escolhas da sociedade: deve a escola educar também para cidadania ou só para a produção?

A problemática é que a grande maioria dos universitários, mesmo os que pretendem ser jornalistas, não foi formada a partir de projetos de mídia-educação nos moldes defendidos por Belloni (2001). Portanto, não trabalharam com a mídia no ensino fundamental e médio e muito menos dominam a linguagem midiática. Ou seja, não tiveram oportunidade de se integrar às mídias durante a formação escolar.

Os jovens que são recebidos nos bancos universitários são frutos da pós-modernidade, alerta Goidanich (2002, p.92):

Não surpreende que, na era do conhecimento, adolescentes sintam-se perdidos e desinformados. Diariamente são bombardeados por informações oriundas de diferentes fontes, absorvidas de forma fragmentada, o que impede que apreendam as articulações e inter-relações entre fatos políticos e sociais ocorridos em tempos e espaços distintos. Assim, as informações que chegam até eles fazem que política e

cidadania pareçam intocáveis, distantes, fragmentadas, dificultando a compreensão e o estabelecimento de relações entre o que acontece em sua experiência vivida e o que aparece na mídia.

No ensino superior particular, sem filtro do vestibular, os alunos chegam como meros consumidores do discurso midiático, ciberanalfabetos, embora tenham competência para operar softwares de alta complexidade. Mas não estão preparados enquanto seres humanos a atuar nessa sociedade. Têm dificuldades para trabalhar em grupo. Hedonistas e narcisistas concentram os esforços em sites de relacionamento e bate-papo. Têm dificuldades de lidar com a informação na internet, porque se acostumaram com o *zapping* o tempo todo.

O que se verifica hoje no ensino superior é que os universitários ainda não são seres autônomos e necessitam da formação acadêmica para atingirem essa condição. Eis a controvérsia instaurada porque na sociedade contemporânea os indivíduos têm de ter competências múltiplas, habilidade de trabalhar em equipe e de aprender e adaptar-se a novas situações (BELLONI, 2001). As TIC, enquanto ferramentas pedagógicas, poderiam facilitar o processo de formação dessas competências a partir de abordagens

criativas.

Resgatando Valente (1999), alguns modelos de softwares utilizados no ensino do Jornalismo (programação, processador de texto, multimídia e internet) poderiam ser direcionados dentro da abordagem construcionista. Sabe-se que, no caso do ensino do telejornalismo, por exemplo, os softwares utilizados não têm caráter educativo, mas operatório, no entanto, cabe ao professor a meta de vivenciar o processo descrito por Valente (2002) no modelo de espiral do conhecimento: descrição-execução-reflexão-depuração. É por isso que o professor deve estar preparado, compreendendo suas representações diante da máquina, sabendo lidar com ela, com os softwares e tendo domínio pleno do conteúdo.

Mas será que os ambientes de aprendizagem computacionais são eficazes no ensino do telejornalismo online, já que possibilita a interação *sujeito e objeto de conhecimento* a ser construído?

2.5 Experiência da TV Facopp Online

Para pensar a educação na era tecnológica a partir dos “[...] valores subjacentes ao indivíduo, que pode criar, usar, transformar as tecnologias,

mas não pode se ausentar, nem desconhecer os perigos, desafios e desconfortos que a própria tecnologia pode acarretar.” (GRINSPUN, 1999, p.27) desenvolveu-se uma pesquisa-ação no ambiente onde se desenvolvem as atividades da *TV Facopp Online*.

A emissora virtual da Faculdade de Comunicação Social “Jornalista Roberto Marinho” de Presidente Prudente (Facopp), mantida pela Universidade do Oeste Paulista (Unoeste), está no ar desde 12 de maio de 2008, no endereço eletrônico www.unoeste.br/tvfacopp. Nasceu fruto de dois trabalhos de conclusão de curso de estudantes de Jornalismo, que idealizaram uma emissora televisiva na internet. Após a implantação, estagiários do curso de Comunicação Social, nas habilitações de Jornalismo e Publicidade e Propaganda, são responsáveis pela produção, reportagem, cinegrafia, edição, videografismo, layout, marketing, abastecimento e divulgação da grade de programação da emissora, coordenados por professores da Faculdade, entre eles, a autora deste trabalho. Dessa forma, a pesquisa realizada caracteriza-se como sendo uma pesquisa-ação,

Peruzzo (2006, p.138) define quatro características da pesquisa-

ação, que se encaixam neste estudo:

O grupo não apenas sabe que está sendo investigado, mas também conhece os objetivos da pesquisa e participa do processo de realização; [...] implica o engajamento do pesquisador no ambiente investigado e também no envolvimento das pessoas do grupo no processo da pesquisa; a pesquisa tem o propósito de contribuir para solucionar alguma dificuldade ou um problema real do grupo pesquisado; e os resultados [...] revertem em benefício do grupo.

No caso da *TV Facopp Online* é justamente isso que ocorre: docentes e discentes que pesquisam a temática integram a equipe da emissora, portanto, têm envolvimento direto e estão preocupados em analisar as suas ações.

Em geral, a idéia de pesquisa-ação encontra um contexto favorável quando os pesquisadores não querem limitar suas investigações aos aspectos convencionais. Querem pesquisas nas quais as pessoas implicadas tenham algo a “dizer” e a “fazer”. Não se trata de simples levantamento de dados ou de relatórios a serem arquivados. Com a pesquisa-ação os pesquisadores pretendem desempenhar um papel na própria realidade dos fatos observados. (THIOLLENT, 1994, p.16)

A *TV Facopp Online* produz, semanalmente, três programas e

boletins informativos⁶ voltados à comunidade acadêmica da Faculdade (professores, alunos e funcionários). Até o primeiro semestre deste ano foram produzidas 80 edições de programas e 90 notícias foram veiculadas em boletins ou reportagens curtas. Além disso, a emissora tem um espaço para divulgar as defesas públicas dos trabalhos de conclusão de curso de Jornalismo (TCC) e Publicidade (PEPP) e as demais produções audiovisuais da Facopp (telejornais, comerciais, videodocumentários, institucionais e peças do *Festival do Minuto*). Há ainda uma seção específica com a cobertura dos eventos realizados pela Faculdade, como a Semana de Comunicação Social e a Jornada de Comunicação Social e um espaço que reúne links direcionados à comunicação.

A interatividade está presente na enquete, fórum, espaço do egresso e na seção *Meus vídeos*, onde audiovisuais dos internautas telespectadores são organizados e divulgados.

⁶ Os programas são *Café com Q* (um programa de entrevista), *Login Cultural* (que aborda manifestações artísticas e culturais) e *Na Prática* (voltado às profissões no âmbito da Comunicação Social). Os boletins e reportagens informativas, com assuntos atuais voltados ao público-alvo são inseridos no quadro *Minuto Notícia*.

A equipe da *TV Facopp Online* é formada por uma média de 12 alunos, nas habilitações de Jornalismo e Publicidade, que todos os semestres participam de um processo seletivo. Eles dedicam 20 horas semanais ao estágio participando de reuniões de pauta, gravações de reportagem, cinegrafia, edição de texto e imagem, sessões de fonoaudiologia, produção de textos para o *Blog* da emissora, criação e divulgação de campanhas publicitárias e produção de elementos videográficos.

Praticamente todas as funções são desenvolvidas, pelo menos, em duplas, com o objetivo de intensificar o potencial de aprender com o outro, a partir dos objetivos que comungam, e da proposta de aprendizagem colaborativa (BELLONI 2001, 2008). A maior dificuldade constatada durante as observações das atividades realizadas é lidar com as características inerentes ao indivíduo fruto da pós-modernidade; os jovens estagiários são marcados pelo hedonismo, niilismo e narcisismo.

Mesmo assim, o que caracteriza o trabalho da *TV Facopp Online* é a cooperação. Durante as reuniões semanais, um ambiente de transparência nas atividades e análise

conjunta de todas as produções (prática crítico-reflexiva) faz com que todos, independentemente da função que exerça, se sintam à vontade para avaliar seu desempenho e o dos colegas, privilegiando o respeito. Os conflitos entre funções subalternas, entre diferentes personalidades, e ausência de uma política de comunicação transparente – problemas comuns nas redações jornalísticas – são supridos em virtude do significado que se dá à convivência sadia e à tolerância com o próximo.

O que se verificou nas observações das atividades da *TV Facopp Online* são os passos em busca do caminho que faz afronta às práticas instrucionistas de sala de aula, comuns no ensino superior. Os professores perceberam que, durante os processos com o uso das TIC, estão em jogo operações cognitivas que eram desperdiçadas diante da lousa e do giz, diante do datashow instrucionista.

Todavia, como aproveitar essa capacidade do aprendiz que vai muito além de receber e transcodificar teorias? Os coordenadores da *TV Facopp* estão experimentando a vivência de mediadores do processo entendido como espiral de aprendizagem (VALENTE, 2002). Desde a sugestão dos assuntos que

serão tratados, apresentados nas reuniões de pauta até a pós-produção dos programas, são os alunos que determinam as ações para os computadores, executam as tarefas, refletem sobre as mesmas com os pares e depois com os professores e conduzem a depuração.

Na *TV Facopp Online*, a abordagem construcionista é adotada na edição dos textos e vídeos. Durante esse processo, o aluno propõe, desenvolve, avalia e depura o projeto que criou, inicialmente, diante dos pares e depois em conjunto com os professores coordenadores. Embora os softwares de edição utilizados (*Adobe Première, Photoshop, Corel Draw e Illustrator* são os principais) não mantenham os processos descritos como aqueles que foram criados especificamente para fins educacionais, as ações desenvolvidas ficam registradas visualmente, o que facilita a análise das etapas de descrição, execução, reflexão e depuração. Consciente das operações que é capaz de realizar e compreendendo-as a partir de princípios éticos e morais, o estagiário está pronto para atuar com as mais inovadoras ferramentas que auxiliam na prática do jornalismo online.

Outra análise que se situa nesse contexto se dá durante as gravações

externas das reportagens e programas. O manuseio do equipamento (filmadoras, tripés, microfones) é aperfeiçoado na vivência diária. No entanto, o foco ao avaliar o resultado, durante as reuniões semanais de toda a equipe, não é o aspecto operacional do processo, mas o uso que se fez da tecnologia disponível para divulgar notícias a partir das premissas essenciais do jornalismo, que são o compromisso moral e ético no trato da informação verdadeira. Em diversas situações os estagiários demonstraram a ciência de que não há televisão sem tecnologia, mas que o bom jornalismo não pode ser refém dos aparatos tecnológicos, é preciso ter preparo e conhecimento para oportunizar a vivência da responsabilidade social.

Um desafio a ser superado em cada cobertura, especialmente pela dificuldade que os estagiários têm de avaliar contextos, é o olhar fragmentado dos assuntos que vão trabalhar. Como são consumistas, especialmente por informação, se colocam nas condições de telespectadores e têm muitas dificuldades para esperar e avaliar. Angústia também vivida pelos coordenadores, acostumados com o ritmo de trabalho de redações televisivas, onde os *frames* devem ser considerados e questionados.

Há ainda de se considerar que os professores, em muitos casos, se colocam como aprendentes, especialmente no manuseio dos softwares de edição de áudios e vídeos, recém-lançados no mercado, que facilitam e agilizam os processos. Os docentes também se colocam como aprendizes no momento em que assistem a vídeos e navegam em sites indicados por alunos que tratam de experiências com o telejornalismo online ainda não vivenciados pela equipe. A partir dessas experiências, reflexões são feitas em conjunto.

Etapas que já foram incorporadas na rotina e vêm ajudando – e muito – no desenvolvimento da autonomia dos aprendizes. No início do estágio, os discentes são inseguros, imaturos e recorrem aos docentes para funções extremamente simples. Conscientes que são responsáveis pelo próprio aprendizado, e na prática diária das atividades, são motivados a refletir sobre as tarefas e não executá-las de acordo com os comandos dos *softwares* que lhes foram ensinados. E isso só é possível porque o *deadline* (prazo estabelecido para fechamento/finalização do produto jornalístico) não está atrelado a compromissos comerciais, mas, sim, única e exclusivamente pedagógicos.

Quando o discente percebe sua

evolução técnica no processo de produção da notícia televisiva para a internet (da pauta à edição), fica mais confiante em si mesmo e se sente mais à vontade para deixar desenvolver seu envolvimento afetivo com os colegas e especialmente com o projeto. Mais um aspecto que favorece a aprendizagem significativa.

Verificou-se ainda que o projeto da *webTV* da Unoeste tem como meta aperfeiçoar o uso das TIC para o ensino do telejornalismo online e vivenciar a prática da educação tecnológica, que, segundo, Grinspun (1999), tem sete características:

- a) proposta de interpretar o contexto atual a partir das TIC;
- b) prima por valores éticos nos ambientes tecnológicos;
- c) interação entre teoria e prática
- d) integração entre ensino e pesquisa
- e) superação das dificuldades existentes a partir das novas exigências das relações sociais;
- f) fundamenta-se no saber-fazer, saber-pensar e criar, a partir da construção do conhecimento, superando o conhecido e o ensinado;
- g) é um posicionamento, um conhecimento e envolvimento com valores além do ambiente escolar.

Responsabilidade, liberdade e

autonomia, valores presentes na educação tecnológica defendida por Grinspun (1999) são encarados como premissas inerentes à profissão do jornalista no dia-a-dia da *TV Facopp Online*. Trata-se de um compromisso ético firmado entre o aluno consigo mesmo, com seus pares, com os professores e, especialmente, com a sociedade.

3 Considerações finais

Os computadores são instrumentos essenciais para o ensino do *webjornalismo* audiovisual na era pós-moderna. E as TIC são fundamentais para viabilizar produtos jornalísticos e publicitários com eficiência e rapidez, mas se bem compreendidas e utilizadas, favorecem situações de aprendizagem significativa. Este é o principal ponto a ser destacado após a pesquisa-ação realizada a partir das atividades da *TV Facopp Online*, que contribuiu para a reflexão das teorias delineadas pelos autores referendados neste artigo.

Ressalta-se ainda outro posicionamento: a implantação da informática a serviço da construção do conhecimento requer mudanças significativas no espaço e nos atores que participam do processo. Requer um compromisso político-pedagógico

que se fundamenta na boa formação e pré-disposição dos docentes. Educadores que não só dominam as tecnologias, mas são capazes de integrá-las aos projetos curriculares, potencializando o processo de ensino-aprendizagem. Para tanto, necessitam do apoio dos gestores para inovar com responsabilidade e da participação da comunidade, avaliando os resultados.

A utilização das TIC no ensino do telejornalismo online, de acordo com algumas experiências observadas na *TV Facopp Online*, evidenciou o afastamento do caráter tecnicista de educação que se alastra nos cursos de Comunicação Social preocupados em preparar profissionais exclusivamente para o mercado de trabalho. Os futuros responsáveis pela divulgação de notícias audiovisuais na internet precisam estimular a competência de compreender suas ações no sentido operacional (saber-fazer), dialético (saber-pensar), mas, fundamentalmente, no sentido contributivo (saber-criar), superando o conhecido e o ensinado enquanto cidadão comprometido com o social.

A prioridade em vivenciar a educação tecnológica, nos moldes previstos por Grinspun (1999), é acreditar que o processo é “um misto de responsabilidade e esperança de transformação”. Não seria essa a

premissa básica da função do jornalista? Eis um convite à reflexão.

Referências

ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini. Tecnologias na Educação: dos caminhos trilhados aos atuais desafios. In: **Bolema**. Ano 21, n.29, 2008. p.99-129. Disponível em: <<http://eft.educ.com.pt/index.php/eft/articloe/view/19/11>> Acesso em 15/05/2009.

AMARAL, Neusa Maria. **Televisão e Telejornalismo: do analógico ao virtual**. Tese de Doutorado em Ciências da Comunicação. São Paulo: Universidade de São Paulo, Escola de Comunicação e Artes. 2004. 336p.

BAUDRILLARD, Jean. **Simulacros e simulação**. Lisboa: Relógio D'água, 1991.

BELLONI, Maria Luiza. **O que é mídia-educação**. Campinas: Autores Associados, 2001.

BELLONI, Maria Luiza. Mídia-educação ou comunicação educacional? Campo novo de teoria e de prática. In: BELLONI, M. L. (Org.) **A formação na sociedade do espetáculo**. São Paulo: Loyola, 2002. p.27-45.

BELLONI, Maria Luiza; GOMES, Nilza Godoy. **Infância, mídias e aprendizagem: autodidaxia e colaboração**. Educ. Soc. [online]. Campinas, out. 2008, vol.29, n.104, pp. 717-746. Disponível em:<<http://www.cedes.unicamp.br>> Acesso em 30/06/2009.

BRASIL, Antonio Cláudio. **Antimanual de jornalismo e comunicação: ensaios críticos sobre o jornalismo, televisão e novas tecnologias**. São Paulo: Senac, 2007.

- BRASIL, Antônio Cláudio. **Telejornalismo, Internet e Guerrilha Tecnológica**. Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2002.
- CARNEIRO, Raquel. **Informática na Educação: representações sociais do cotidiano**. São Paulo: Cortez, 2002.
- DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- GOIDANICH, Maria Elisabeth. Mídia, cidadania e consumo: estamos formando consumidores ou cidadãos? In: BELLONI, Maria Luiza (Org.). **A formação na sociedade do espetáculo**. São Paulo: Loyola, 2002. p.73-94.
- GRINSPUN, Mírian Paura Sabrosa Zippin. Educação Tecnológica. In: GRINSPUN, M. P. S. Z. (Org.). **Educação Tecnológica: desafios e perspectivas**. São Paulo: Cortez, 1999. p.25-73.
- MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. 4.ed. São Paulo: Cultrix, 1974. Tradução Décio Pignatari.
- MELO, José Marques de. **Desafios do ensino do jornalismo no século XXI**. Disponível em <<http://www.comunique-se.com.br/conteudo/newsprint.asp?editoria=237&idnot=49739>> Acesso em 9 jul. 2009.
- NOGUEIRA, Leila. **O Webjornalismo Audiovisual: uma análise de notícias no UOL News e na TV UERJ Online**. Dissertação de Mestrado em Comunicação e Culturas Contemporâneas. Salvador: Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Comunicação. 2005. 224p. Disponível em <http://www.facom.ufba.br/jol/producao_dissertacoes.htm/> Acesso em 26 fev. 2009.
- ORWELL, George. **1984**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1980.
- PERUZZO, Círcia Maria Krohling. **Observação participante e pesquisa-ação**. In: Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação. DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (ORG). 2.ed. São Paulo: Atlas, 2006.
- ROSADO, Eliana Martins da Silva. Contribuições da Psicologia para uso da mídia no ensino-aprendizagem. Águas de Lindóia: **Anais do Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino**. 1998. p.217-237.
- SANTOS, Jair Ferreira dos. **O que é pós-moderno**. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- SILVA, Juremir Machado da. **Depois do espetáculo**. Texto apresentado no GT Comunicação e Cultura na XVI Compós, Curitiba, 2007. Disponível em <http://www.compos.org.br/data/biblioteca_ca_1982.pdf> Acesso em 10 set. 2008.
- THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 6.ed. São Paulo: Cortez, 1994.
- VALENTE, José Armando. Por quê o computador na educação. In: VALENTE, J.A. (Org.) **Computadores e conhecimento: repensando a educação**. Campinas: Unicamp/NIED, 1993. p.24-44.
- VALENTE, José Armando. **O Computador na Sociedade do Conhecimento**. Campinas: Unicamp/Nied, 1999.
- VALENTE, José Armando. A espiral da aprendizagem e as Tecnologias de Informação e Comunicação: repensando conceitos. In: JOLY, M.C.R.A. **A Tecnologia no Ensino: Implicações para a Aprendizagem**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002. p.15-37.